

## BINÔMIO MÃE-FILHO SUSTENTADO NA *TEORIA DO APEGO*: SIGNIFICADOS E PERCEPÇÕES SOBRE CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

MOTHER-CHILD RELATION UNDER THE LIGHT OF THE *ATTACHMENT THEORY*:  
RELEVANCE AND PERCEPTIONS REGARDING THE CHILD EDUCATION CENTER

BINOMIO MADRE-HIJO APOYADO EN LA *TEORÍA DEL AFECTO*: SIGNIFICADOS Y  
PERCEPCIONES SOBRE CENTRO DE ENSEÑANZA INFANTIL

Simone Roecker<sup>I</sup>  
Sonia Silva Marcon<sup>II</sup>  
Maria das Neves Decesaro<sup>III</sup>  
Maria Angélica Pagliarini Waidman<sup>IV</sup>

**RESUMO:** O estudo objetivou apreender o significado do centro de educação infantil (CEI) para mães que tinham filhos ingressantes nestas instituições e analisar a percepção delas quanto aos cuidados prestados a seus filhos. Trata-se de um estudo descritivo-exploratório com abordagem quantiquantitativa, realizado por meio de entrevista semiestruturada, em junho de 2009, junto a 12 mães residentes no município de Maringá/PR, tendo como referencial a Teoria do Apego de Bowlby e os dados submetidos à análise de conteúdo temática. Percebe-se que a decisão ou necessidade em deixar a criança em CEI traz consequências positivas, como realização profissional e/ou melhor remuneração da mãe e maior socialização da criança, mas o cuidado ao filho por terceiros ainda é percebido com restrições. Conclui-se que os profissionais envolvidos no processo de cuidado em CEI precisam estar habilitados para apoiar e ajudar o binômio mãe-filho na adaptação, visando reduzir os receios e os sentimentos negativos nesse momento.

**Palavras-chave:** Educação infantil; afeto; relações mãe-filho; enfermagem materno-infantil.

**ABSTRACT:** This study aimed both at understanding the relevance of the child education center (CEI) to the mothers whose children were admitted there and at analyzing their perceptions regarding the care their children had. This is a descriptive-exploratory study with quantitative-qualitative approach, undertaken by means of semi-structured interview in June, 2009, with twelve mothers residing in Maringá, PR, Brazil. The theoretical framework consisted of Bowlby's Attachment Theory and the data underwent thematic content analysis. The decision or the need to leave the child at CEI proved to bring about positive consequences, namely, professional achievements and/or better remuneration to the mother, and higher socialization to the child. However, the use of third parties in child care is still regarded with restrictions. Conclusions show that the professionals involved in child care at CEI must have the skills to support the mother-child relation in the adaptation process so that negative feelings can be attenuated.

**Keywords:** Child rearing; affect; mother-child relations; maternal child nursing.

**RESUMEN:** El estudio objetivó capturar el significado del centro de educación infantil (CEI) para madres que tenían hijos ingresantes en esas instituciones y analizar la percepción de ellas cuanto a los cuidados prestados a sus hijos. Se trata de un estudio descriptivo-exploratorio con enfoque cuantitativo y cualitativo, realizado por medio de entrevista semiestruturada, en junio de 2009, con 12 madres residentes en el municipio de Maringá-PR-Brasil, teniendo como referencial la Teoría del Afecto de Bowlby, y los datos sometidos al análisis de contenido temático. Se percibe que la decisión o necesidad en dejar el niño en CEI tras consecuencias positivas, como realización profesional y/o mejor remuneración de la madre y mayor socialización del niño, pero el cuidado al niño por otras personas aún es percibido con restricciones. Se concluye que los profesionales participantes del proceso de cuidado en CEI necesitan estar habilitados para apoyar y ayudar el binomio madre-hijo en la adaptación, mirando reducir los miedos y los sentimientos negativos en ese momento.

**Palabras clave:** Educación infantil; afecto; relaciones madre-hijo; enfermería materno-infantil.

## INTRODUÇÃO

Com a inclusão das mulheres no mercado de trabalho surge a necessidade da criação da licença maternidade, um benefício que possibilita o afastamento da mãe por certo espaço de tempo, tendo remuneração salarial e garantia do emprego após o término da mesma<sup>1</sup>.

mento da mãe por certo espaço de tempo, tendo remuneração salarial e garantia do emprego após o término da mesma<sup>1</sup>.

<sup>I</sup>Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professora colaboradora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, Paraná, Brasil. E-mail: moneroecker@hotmail.com.

<sup>II</sup>Enfermeira. Doutora em Filosofia. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: soniasilva.marcon@gmail.com.

<sup>III</sup>Enfermeira. Doutora. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: mndecesaro@uem.br.

<sup>IV</sup>Enfermeira. Doutora. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: angelicawaidman@hotmail.com.

Os cuidados recebidos por uma criança em seus primeiros anos de vida são de importância vital para a manutenção da saúde física e mental desta, quando a criança tem a necessidade de ter a mãe próxima, de ter afeto. Isso justifica a importância da existência e do seguimento de uma legislação trabalhista que garanta um período mínimo de alguns meses de afastamento da mulher do seu trabalho para dedicar-se aos cuidados com o filho.

Diante deste cenário e ainda com as frequentes alterações nos padrões familiares, observa-se atualmente que muitas delas têm buscado apoio na rede social para obter auxílio no cuidado de seus filhos, nem sempre encontrados no contexto familiar. A rede social é composta, neste caso, pelos Centros de Educação Infantil (CEI) que surgiram com o objetivo de atender às necessidades sociais e contribuir para a educação<sup>2</sup>.

Contudo, o pensamento corrente de que nos primeiros anos de vida a criança deve ser cuidada pela mãe, no contexto familiar, coloca a existência do CEI como um mal necessário. Sendo assim, podemos dizer que esta instituição ainda é alvo de discussões com controvérsias, as quais provocam muita angústia nas mães. O compartilhamento do cuidado entre os educadores e os familiares implica no encontro de perspectivas diferentes sobre desenvolvimento e necessidades infantis, exigindo uma constante negociação entre ambas as partes envolvidas<sup>3</sup>.

Com base no exposto, o presente estudo se justifica pela necessidade de apreender as mudanças pelas quais as mães passam no momento em que precisam deixar seus filhos em um CEI para voltarem ao trabalho após o término da licença maternidade, pois acredita-se que identificando os sentimentos destas mães e conhecendo um pouco mais sobre esse processo, torna-se possível apontar medidas que possam ajudar a diminuir situações estressantes das mães desencadeadas pela necessidade de separação, mesmo que temporária, do binômio mãe-filho, podendo assim a enfermagem fazer intervenções de acordo com a realidade. Nesse sentido, os enfermeiros, como educadores em saúde, podem contribuir positivamente no processo de adaptação do binômio, transformando esse momento difícil em algo prazeroso e de grande importância para o processo de crescimento e desenvolvimento da criança<sup>4</sup>.

Frente a isso, este estudo objetivou apreender o significado do CEI para mães que tinham filhos ingressantes nestas instituições e analisar a percepção das mães quanto aos cuidados prestados ao filho em CEI.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A *Teoria do apego* de Bowlby busca explicar como ocorrem os vínculos afetivos entre o bebê e o provedor de conforto e segurança relacionando quais as implicações desta relação para a vida adulta. Ao estudar os efeitos do cuidado inadequado prestado às crianças na primeira infância, identificou-se o descon-

forto intenso das crianças pequenas, que se encontram separadas daqueles que conhecem e amam. Propôs-se que, assim como em outras espécies animais, os bebês humanos teriam certos comportamentos que eliciariam atenção e cuidados e manteriam a proximidade da pessoa cuidadora<sup>5</sup>.

Dessa forma, Bowlby declarou que o apego estava, primeiramente, baseado na amamentação, sendo esta a razão pela qual a criança desenvolvia um forte laço com sua mãe. Mas após muitos estudos substituiu esta concepção atribuindo o forte apego ao sentimento de segurança, designando a ele o sentido de segurança/proteção. Nesse contexto, cuidar pode ser entendido como uma ampla ordem de comportamentos complementares à atitude de apego, como: prover ajuda, conforto e confiança encorajando autonomia do bebê<sup>5</sup>.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório de abordagem quantiquantitativa, que apresenta o objeto estudado a partir da experiência vivida pelo indivíduo e permite ao pesquisador dar sentido e interpretar os fenômenos de acordo com a perspectiva dos entrevistados<sup>6</sup>, e o perfil social foi obtido por análise quantitativa.

Para acesso à população de estudo, foi solicitada autorização da Secretaria da Educação (SEDUC) do município de Maringá/PR. O referido município conta com 54 CEI, conforme dados verbais informados por responsáveis da SEDUC, que ofertam a educação infantil, preferencialmente, a partir do 4º mês de vida até os 6 anos de idade.

Para efeitos do estudo, adotou-se os seguintes critérios de inclusão: mães que estavam no término da licença maternidade; que tinham filhos na faixa etária de 4 a 12 meses, que haviam ingressado em CEI do município no máximo há 60 dias; mães que apresentaram condições físicas e psicológicas favoráveis para se expressarem de modo natural no decorrer da entrevista.

Totalizaram 18 CEI que foram selecionadas por meio de amostra aleatória sistemática. Para a seleção da amostragem, foram enumerados de 1 a 54 todos os CEI, em seguida foi sorteado um número entre 1 e 3, sendo retirado o número 2. Portanto, a partir do número 2 foram selecionados os demais números, totalizando os 18 CEI. Entre os 18 CEI selecionados foi sorteada aleatoriamente uma mãe de cada instituição, sendo que o número de sujeitos participantes da pesquisa foi de 12 mães, pois cinco instituições não realizavam atendimento a crianças da faixa etária determinada no estudo, e em um dos casos os sujeitos se recusaram a participar.

A coleta dos dados foi realizada no mês de junho de 2009, por meio de entrevistas semiestruturadas gravadas, previamente agendadas por telefone, conforme

a disponibilidade de cada mãe, e norteadas por um roteiro semiestruturado. Os dados relativos ao perfil social dos sujeitos foram obtidos por análise estatística simples e os dados qualitativos foram analisados por meio da técnica da análise de conteúdo temática, que possui três fases: pré-análise, exploração dos dados e organização sistemática destes em unidades temáticas, com descrição detalhada das características pertinentes e suas inferências<sup>7</sup>.

O estudo foi realizado em conformidade com as exigências da Resolução 196/96, do CNS, com aprovação do projeto pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual de Maringá (parecer nº 177/2009). Anteriormente ao início da entrevista foi solicitada a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Para a diferenciação dos sujeitos e preservação de sua identidade, as mães foram identificadas com a letra 'M' acompanhada de numeral arábico, o qual indica a ordem em que foram realizadas as entrevistas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as 12 mães participantes do estudo, seis possuem entre 21 e 25 anos e as demais possuem mais de trinta anos, seis são casadas. Quanto ao grau de escolaridade, seis delas possuem o ensino médio completo, uma o ensino superior e as demais possuem ensino fundamental, e apresentam ocupações diversificadas, entre elas: auxiliar de limpeza, secretária, babá, diarista, auxiliar administrativa, costureira, teleatendente e vendedora.

No que se refere ao número de filhos, sete delas têm apenas um filho. A maioria trabalha oito horas diárias, possui uma renda familiar mensal de um até três salários mínimos e residem em casa alugada. Em sua maioria o número de residentes na casa é de três, ou seja, a família nuclear. Oito dos bebês ingressaram no CEI aos 4 meses, três aos 5 e apenas um aos 11 meses.

Em seguida são apresentadas as duas categorias emanadas no decorrer da análise de conteúdo: *CEI: percepção e significação para as mães*, e *O Processo de cuidar: o cuidado em casa e no CEI*.

### CEI: percepção e significação para as mães

As mães, em sua maioria (8), referem o CEI como sendo a segunda casa da criança. Os relatos transmitem a impressão que este é compreendido como um lugar de segurança, de aprendizado, de confiança, de cuidado e de auxílio para elas poderem trabalhar.

*A creche é um lugar onde posso deixar ele, lugar onde confio, melhor do que deixar com pessoas em casa [...]. (M4)*

*Nossa muito importante, assim como eu muitas mães depende da creche, porque se não fosse as creches cuidar dos filhos não teria como trabalhar, espero que primeiro o convívio que ela vai ter com outras crianças possa ajudar no aprender deles, o convívio social mesmo. (M7)*

Salienta-se que as mães, quando decidem inserir-se no mercado de trabalho, se preocupam muito com o local adequado para deixar os seus filhos, e percebe-se neste estudo que o local escolhido por elas é o CEI, pois acreditam que nele, as crianças estarão recebendo cuidados qualificados conforme necessitam.

Mesmo que o CEI atenda às necessidades da família em termos da disponibilidade de seu tempo, é imprescindível que se esteja atento para o que a criança está sentindo e como são utilizadas e preenchidas essas longas horas de afastamento familiar, e também buscar compreender como as mães e famílias estão enfrentando tal situação<sup>8</sup>.

Em relação ao motivo que levou as mães a inserirem seus filhos no CEI, evidencia-se que todas as entrevistadas alegaram o trabalho como fator principal nesta tomada de decisão.

*Porque eu trabalho e não tenho com quem deixar, e para pagar também a gente pensa, eu morro de medo que babá [...], vejo esse monte de coisas na TV, para pagar alguém sem poder e ainda correr o risco, lá a gente tem segurança [...]. (M7)*

Observa-se que por meio da escolha das mães de inserir-se no mercado de trabalho, elas seriam capazes de garantir melhores condições de vida tanto para a criança quanto para a própria família, assim o CEI apresenta-se como um serviço que possibilita tal escolha. Além da questão econômica, muitas mães destacaram a segurança como um fator influenciador, pois acreditam que estando no CEI os seus filhos estão muito mais seguros e bem cuidados do que se deixados no domicílio com pessoas estranhas.

A literatura mostra que frente à necessidade das mulheres saírem de casa para trabalhar e, consequentemente, terem seu tempo de dedicação para os cuidados da casa e dos filhos reduzido, torna-se interessante pensar o CEI como um lugar propício para o desenvolvimento da criança e uma opção para os cuidados dos filhos de mães trabalhadoras<sup>9</sup>.

Após a inserção do filho no CEI, as mães passaram por vários estágios de adaptação, os quais foram aqui subdivididos em três períodos: o primeiro dia, a primeira semana e, por fim, o primeiro mês. Assim, o primeiro dia foi marcado pelos sentimentos de angústia e ansiedade para 11 das mães entrevistadas.

*Foi torturante, tive medo da criança não ser bem tratada [...]. (M1)*

*[...] fiquei com o coração muito pequenininho [...] por mais que elas façam, é difícil, pois eles são bastante crianças, não é fácil não, quando deixei ele lá sai chorando [...]. (M9)*

As falas desvelam a dualidade vivida pela mulher da atualidade em cumprir o seu papel de mãe e ao mesmo tempo o de uma profissional já inserida no mercado de trabalho. Elas não deixam de cobrar de si

um cuidado empenhado para com o filho, a fim de contribuir para o desenvolvimento físico e mental saudável de seu bebê, pensando nas consequências que este afastamento necessário possa acarretar na vida adulta. Em contrapartida, o benefício financeiro pareceu ser ponderante para que ela continue trabalhando, visto que, para a maioria delas, o salário é parte integrante e necessária ao orçamento familiar.

Estudo sobre o tema, realizado com 30 mães de crianças matriculadas em CEI, verificou que a maioria delas consideram esta experiência de separação negativa. Estes relatos apontam que a mulher, inicialmente, apresentou grande sofrimento em ter que deixar seu filho sob os cuidados de outros, demonstrando sofrimento em função de atender às necessidades socioeconômicas da família<sup>9</sup>.

Percebeu-se ainda, durante a realização do estudo, que as mães apresentam também um sentimento de perda, de quebra de laços afetivos com o bebê, de impotência e preocupação.

*Sai de casa chorando cheguei lá, o coração da gente fica na mão, você fica quatro meses com a criança, tem todo um convívio durante o dia, sabe tudo, então leva na creche e fica pensando será que eles vão dar mama, banho no horário certo (...) liguei duas vezes no dia na creche para ver como ela estava [...]. (M7)*

*Aí foi bem difícil, sensação de estar deixando uma parte de seu corpo, fiquei chorando a manhã toda [...] sentimento de impotência. (M12)*

A separação do binômio mãe-filho causa na mãe e na criança alterações de cunho emocional que podem afetar a relação entre eles, fazendo com que estes se sintam distanciados, e a mãe pode vir a interpretar o seu comportamento como uma forma de abandono do filho e delegação do cuidado a outra pessoa estranha. Ao realizar o trabalho, observou-se que as mães encaram o ingresso do filho no CEI como uma separação dela e do filho, pois estavam juntos desde o momento da concepção, portanto, em relação ao sentimento de separação constata-se que o amor materno não é apenas um instinto da mulher, mas um laço de afetividade construído desde a intenção em se conceber uma criança, passando pela gestação, o nascimento e o cotidiano da relação mãe-filho, constituindo um amor muito confiável e puro<sup>10</sup>.

Evidenciou-se que, no decorrer da primeira semana, a mãe está começando a se adaptar com a separação, mas ainda passa por muitas dificuldades.

*A evolução foi bem devagar, mas foi diminuindo a sensação de perda, de estar abandonando [...]. (M7)*

*Ainda está no processo de adaptação, ainda não me acostumei, ele se adaptou, mas queria que ele não se adaptasse, ainda não me conformei, eu queria ficar com ele, ainda tenho a esperança de ele não se adaptar. (M3)*

Para a maioria das mães o sofrimento de perda persistiu mesmo com o passar da primeira semana, muitas delas resistiam ao processo de adaptação e

chegaram a relatar que não queriam que os seus filhos se adaptassem ao CEI, continuavam muito preocupadas, mas aceitando aos poucos a nova situação.

O processo adaptativo do sentimento de separação entre mãe e filho é gradual e individualizado para cada caso. Mesmo o filho estando sob o cuidado do CEI, ela sente uma extrema necessidade de estar junto a ele, entretanto, com o passar dos dias, a mãe começa a se *acostumar* em permanecer mais horas longe de seu filho. Esta segurança aumenta a partir do momento em que ela constata que seu filho está recebendo os cuidados adequados às suas necessidades<sup>5</sup>.

Neste sentido pode-se dizer que as dificuldades de superação e de adaptação do binômio mãe-filho à separação deve-se universalmente ao vínculo interpessoal que é uma das especificidades da natureza humana, ou seja, o ser humano, por sua própria essência, necessita na sua vida de laços fortes entre todos os membros da família<sup>11</sup>.

Ao final do primeiro mês, pode-se perceber nos relatos da maioria das mães que elas estão mais acostumadas, ou seja, estão conseguindo enfrentar melhor a separação.

*Continuo com dó principalmente agora que está frio mas, está tudo tranquilo, com boa evolução [...]. (M1)*

*A partir do momento que ia buscar e via que ele estava bem ficava mais tranquila, mas agora estou superando, preocupação sempre tenho [...]. (M2)*

Observou-se que, mesmo quando as mães relataram estar enfrentando melhor a situação, elas expressavam muita preocupação, ou seja, mesmo superando o sentimento de perda e de vazio elas ainda sentiam muita dor de ter que deixar a criança no CEI. Nota-se que o cuidado da criança por terceiros ainda é permeado por sentimentos maternos de insegurança, medo, incertezas e expectativas.

Cada vez mais as mães estão assumindo o papel de cuidadora e trabalhadora, mas a grande maioria delas atribui maior importância ao cuidado e educação dos filhos, e muitas vezes encontram sérias dificuldades em conciliar os dois papéis, pois sentem-se culpadas por qualquer falha no cuidado e educação destes<sup>12</sup>.

Para os bebês que ingressam no CEI as separações e despedidas diárias se constituem muitas vezes nas primeiras experiências em que terão de enfrentar o estresse, sendo necessário utilizarem estratégias de enfrentamento para se adaptarem a este novo contexto. Dessa forma toda a família precisa encarar esta nova situação fazendo com que todos os seus membros se sintam seguros nesta caminhada. Assim salienta-se que tanto a instituição como as famílias precisam participar ativamente na adaptação da criança, repassando informações sobre as atitudes e vivências da criança durante todo o processo de adaptação, de modo a facilitar a criação do vínculo e a garantia da segurança dos cuidados prestados<sup>13</sup>.

## O Processo de Cuidar: o cuidado em casa e no CEI

Por meio deste estudo pode-se perceber que as mães criam laços afetivos extremamente fortes com seus filhos desde a gestação, e isto segue por toda a vida, sendo mais evidentes nos primeiros anos, pois a mãe normalmente é a responsável pelo bem-estar destes, até que eles vão gradativamente crescendo e adquirindo condições de autocuidado. Mas, em muitas famílias o cuidado prestado diretamente pela mãe segue apenas nos primeiros meses, tendo em vista que esta tem a necessidade de retornar ao mercado de trabalho a fim de colaborar com o sustento do filho e de toda a família. Por isso, a maioria das mães procura deixar seus filhos em CEI conhecidos, pois, como identificado neste estudo, elas confiam mais em instituições de cuidado e ensino do que em deixar seus filhos com pessoas estranhas.

Os relatos das mães quanto à sua participação nas atividades do CEI evidenciaram que elas se preocupam, especialmente com a qualidade dos cuidados prestados aos seus filhos.

*[...] fui só uma vez na reunião, (a que teve), agora faço parte do conselho, por enquanto eu só observo e escuto e sem reclamações diante a creche o atendimento é bom [...]. (M1)*

Identificou-se que todas as mães têm o objetivo de participar das atividades nas quais for requerida a sua presença no CEI. O acompanhamento feito pelas famílias neste período é imprescindível, pois assim poderão adquirir mais segurança e confiança em relação aos cuidados e à aprendizagem de seus filhos pelos profissionais da instituição.

Salienta-se que, independente da idade em que a criança ingressa em um CEI, a qualidade do atendimento juntamente com outros fatores constituem um importante fator mediador da adaptação. Os pais, mesmo sabendo que o CEI tem a missão de acolher a criança, apresentam muitas preocupações na fase de ingresso do filho na instituição, principalmente relacionadas à separação temporária do filho, à continuação dos cuidados relativos à alimentação, higiene, conforto e segurança da criança. A família fica receosa sobre a percepção das necessidades do filho em meio à coletividade, ou seja, os pais ficam temerosos ao pensar que o seu filho estando entre tantas outras crianças poderá não ser notada sempre e não ter atendidas as suas necessidades humanas básicas no momento necessário, e que desta forma não esteja recebendo um cuidado adequado<sup>3</sup>.

Devido às limitações do bebê para encarar as situações estressantes é importante que estas sejam reduzidas ao máximo, além de se buscar formas para ajudar o bebê a enfrentá-las. Estudo confirma os resultados encontrados também neste trabalho, no qual os autores descrevem algumas propostas simples a serem empregadas pelos CEI que podem servir de auxílio no

enfrentamento e adaptação das crianças e das famílias, entre elas: o aumento gradativo no tempo que o bebê fica na instituição ao longo das primeiras semanas; começar a adaptação de no máximo duas crianças a cada dia da semana; permitir a presença de um familiar durante o período de adaptação; permitir que o familiar participe das primeiras refeições; manter o número reduzido de bebês e crianças pequenas por cada educador; evitar ao máximo a troca de educadores facilitando uma relação estável<sup>14</sup>. Acredita-se que estas propostas sugeridas em estudo anterior poderão auxiliar a criança pequena na familiarização com a nova rotina e garantirão maior confiança e segurança ao familiar quanto aos cuidados dispensados pelos educadores em CEI.

## CONCLUSÃO

A partir deste estudo percebe-se que a decisão ou necessidade em deixar a criança no CEI traz consequências positivas como realização profissional e/ou remuneração financeira da mãe e maior socialização da criança. Os relatos mostram que o CEI é visto pela mãe como a segunda casa do filho, um local seguro e de aprendizado. Mas, mesmo assim, o cuidado do filho por terceiros ainda é percebido como inapropriado.

Frente a isso poderia ser proposto às mães que dias antes do término da licença maternidade participassem e vivenciassem o ingresso de seu bebê no CEI acompanhando-os diariamente e assim minimizando seus anseios e os sentimentos de culpa, perda e insegurança.

Espera-se contribuir para uma melhor compreensão do processo de adaptação, mas acredita-se que muito ainda precisa ser feito para auxiliar neste momento tão específico e delicado da vida do binômio mãe-filho. Desse modo, constitui-se como cuidado à saúde da mãe, da criança e dos familiares as ações de enfermagem voltadas para o apoio e aconselhamento em relação às transições naturais da vida. Sugere-se, portanto, a atuação dos profissionais da saúde em unidades de atendimento à saúde, ou no próprio CEI, com o objetivo de auxiliar toda a família neste processo de mudanças e adaptações, por meio de orientações e apoio emocional.

Reconhece-se que o estudo possui algumas limitações, destacando-se a necessidade de estender a amostragem, de modo a ampliar o escopo dos sujeitos e, conseqüentemente, dos próprios dados e suas possíveis variações, além de eleger novos enfoques sobre a temática, como as ações de enfermagem realizadas junto às mães, crianças e educadores.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério do Trabalho e Emprego (Br). Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943 que aprova a consolidação das leis do trabalho. [site da internet] [citado em 03 abri 2010]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/)

- Del5452.htm.
2. Didonet V. Creche: a que veio...para onde vai....Em aberto. 2001; 18(73):11-27.
  3. Maranhão DG, Sarti CA. Creche e família: uma parceria necessária. Cadernos de pesquisa. 2008; 38:171-94.
  4. Silvani CB, Gomes GC, Sousa LD, Souza JL. Prevenção de acidentes em uma instituição de educação infantil: o conhecimento das cuidadoras. Rev enferm UERJ. 2008; 16:200-5.
  5. Bowlby J. Apego e perda. São Paulo: Martins Fontes, 1984-1985.
  6. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. revista e atualizada. São Paulo: Cortez; 2007.
  7. Bardin L. Análise de conteúdo. Revista e atualizada. Lisboa (Po): Edições 70; 2008.
  8. Pacheco ALPB, Dupret L. Creche: desenvolvimento ou sobrevivência? Psic-USP. 2004; 15(3):01-7.
  9. Lupepsa ML, Longo TP, Machado JCS, Schmidt A. Separação mãe-filho e auto-regras: o que as mães dizem e fazem quando deixam os filhos na creche. RUBS. 2005; 1(1):46-54.
  10. Souza JA. A formação do vínculo afetivo: a questão do apego. Rev Tec IPEP. 2005; 5:81-98.
  11. Carvalho AMA, Politano I, Franco ALS. Vínculo interpessoal: uma reflexão sobre diversidade e universalidade do conceito na teorização da psicologia. Estud psicol. 2008; 25:233-40.
  12. Almeida LS. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. Rev Dep Psicol-UFF. 2007; 19:102-7.
  13. Bhering E, De Nez, TB. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. Psicol. 2002; 18(1):63-73.
  14. Rapoport A, Piccinini CA. The entrance and adjustment of infants and toddlers to daycare center: some critical aspects. Psicol reflex crit. 2001; 14(1):1-8.